

Traduzindo *The Translator
in Fiction* de Sabine
Strümper-Krobb para o
português utilizando a teoria
funcionalista de Christiane Nord

Mara Lúcia Pinsegher

Desejamos entender culturas que são diferentes das nossas. Pesquisamos seus valores e suas crenças. Aprendemos e ensinamos línguas estrangeiras. Lemos obras literárias que são originárias de outras línguas e culturas – e quando necessário recorremos à ajuda de intérpretes e tradutores para facilitar nosso ideal de comunicação intercultural. (Sabine Strümper-Krobb; 2003:115)

Este artigo discute uma experiência pessoal de tradução do artigo *The Translator in Fiction* de Strümper-Krobb (2003). Minha tradução baseia-se na teoria funcionalista de Nord (2001), brevemente discutida no artigo *Loyalty Revisited: Bible Translation as a Case in Point*. Segundo Nord, temos dois tipos de tradução: a tradução documento e a tradução instrumento. Concentro-me na tradução instrumento, pois, de acordo com a autora, “em determinados tipos de interação translatória, espera-se que o tradutor convença os participantes de que estão se comunicando diretamente, baseados em algum tipo de elementos compartilhados” (Nord: 2001: 187). Nord enfatiza que o papel do tradutor é o do mediador que torna a comunicação possível apesar do hiato cultural. A autora esclarece que, como qualquer outra interação comunicativa, a tradução visa construir um propósito comunicativo. Sua abordagem funcionalista considera a tradução uma interação comunicativa entre indivíduos.

No artigo *The Translator in Fiction*, Krobb (2003) faz uma análise do protagonista tradutor/intérprete em três romances. Ela explica como os tradutores ficcionais, nos textos narrativos, exploram os temas da marginalização, deslocamento, manipulação e da luta de poder no mundo moderno. Sugere que a literatura contemporânea está interessada nas questões de identidade, em personagens cujas identidades fragmentadas são reflexos de um mundo moderno fragmentado, em que o deslocamento é um fenômeno generalizado. Krobb acredita que os tradutores são figuras ideais para representar o deslocamento e o instrumento através do qual o próprio texto literário pode traduzir a problemática do processo complexo cultural da tradução. Meu *paper* se divide em três momentos: 1) as teorias de Nord; 2) o texto de Krobb; e o 3) processo de tradução.

1. As teorias de Nord: Subjetiva, Funcionalismo e Lealdade

Teorias subjetivas, função e lealdade são conceitos cruciais para a abordagem funcionalista de Nord (2001). Nord argumenta que o papel do tradutor é o de mediador que torna a comunicação possível apesar do hiato cultural. A autora enfatiza que, como qualquer outra interação comunicativa, a tradução visa estabelecer um propósito comunicativo. Além disso, argumenta:

Cada indivíduo em comunicação se apoia na sua “teoria subjetiva” (é como os psicólogos a chamariam) com relação às intenções comunicativas dos seus interlocutores. (NORD, 2001: 118).

Segundo Nord esta teoria se baseia nos conhecimentos e experiências de cada indivíduo, considerando a maneira como tais intenções se explicitam ou permanecem implícitas na sua cultura. Mais adiante, a autora define a teoria subjetiva assim:

Como parece comum em teorias subjetivas, os receptores de uma tradução não estão normalmente conscientes de que sua teoria é *subjetiva*; muitos deles nem seriam capazes de defini-la ou descrevê-la. Teorias subjetivas não precisam ser consistentes; elas muitas vezes até incluem elementos incompatíveis ou contraditórios. (NORD, 2001: 188)

A abordagem funcionalista de Nord considera a tradução uma interação comunicativa entre indivíduos. Nord esclarece que o “funcionalismo tem como objetivo tornar as teorias subjetivas explícitas ao relacionar estratégias ou procedimentos tradutórios com o propósito do produto da tradução, ou seja, com o efeito comunicativo intencionado, possivelmente por analogia com, ou em oposição ao efeito comunicativo intencionado pelo original” (NORD, 2001:191).

De acordo com Nord esta abordagem funcionalista da tradução realça a idéia de que a equivalência de função e/ou efeito comunicativo não é uma qualidade essencial de todo processo tradutório. O tradutor, para a autora, tem responsabilidade tanto para com o público alvo, cujas teorias subjetivas devem ser levadas em consideração, quanto para com o emissor do texto-fonte, cujas intenções comunicativas não devem tornar-se seu oposto. Esta responsabilidade é o que Nord chama de “lealdade,” afirmando:

Lealdade não é a velha fidelidade em roupa nova. Fidelidade refere-se a uma relação de vínculo entre o texto-fonte e o texto-alvo como entidades lingüísticas (...)Lealdade, por outro lado, é uma categoria referente à uma relação social entre *peessoas*. Ela pode ser definida como a responsabilidade que os tradutores têm para com seus parceiros durante a interação na tradução. A lealdade implica um compromisso bilateral do tradutor, tanto com o lado da fonte, quanto o do alvo. (NORD, 2001:195).

Nord conclui que a lealdade é entendida como um conceito ético que rege a responsabilidade do tradutor para com seus parceiros na atividade cooperativa da tradução, para além da ‘fidelidade’ como uma relação entre

textos. Acrescenta que a lealdade opera dentro do âmbito do funcionalismo, entendida como um conjunto de estratégias que dá prioridade ao propósito pretendido pelo texto alvo. Estes conceitos tornam-se fundamentais nos casos em que exista um amplo hiato (Gap) entre as culturas de partida e de chegada, principalmente em casos onde os receptores possuem suas próprias ‘teorias subjetivas’ a respeito do papel ideal do tradutor.

Sobre estas três teorias Nord firma seus pilares, propondo que o funcionalismo tem é o objetivo de fazer o texto alvo funcionar para os receptores da cultura-alvo; e que a lealdade leva em consideração as intenções e expectativas de todos os envolvidos na interação comunicativa chamada tradução.

2. O texto de Krobb

Krobb (2003) é professora de alemão na University College Dublin, Dublin. Sua pesquisa concentra-se em Estudos de Tradução, o modernismo alemão e Relações Literárias Alemão-Scandinavo. Krobb também publicou artigos sobre diversos aspectos da tradução e estudos sobre a literatura alemã e escandinavos. Está concluindo uma monografia sobre figuras do tradutor fictício. Krobb ensina língua, literatura e tradução em todos os níveis dos programas de graduação e pós-graduação.

Krobb estrutura seu artigo em 4 unidades: introdução, exemplo 1, exemplo 2 e exemplo 3. Na introdução, Krobb explica como são vistos a tradução e o tradutor. Esclarece que, nos últimos 15 a 20 anos, os estudos de tradução tentam aproximar tradutores e suas regras no encontro entre culturas mais visíveis. Um número de razões contribuiu para este desenvolvimento. Em primeiro lugar, Krobb argumenta, o conceito de tradução tem mudado. Cita Hermans (1995:26) para explicar que a tradução está cada vez mais vista como uma operação complexa que se desenrola em um contexto comunicativo sociocultural. Isto requer que pensemos no tradutor como um ser social. Também se vale de Bassnett (1996: 13f.) para esclarecer que o crescente interesse no papel do tradutor tem muito a ver com a evolução da teoria literária que minou visões tradicionais de originalidade em relação à idéia da tradução como uma atividade subsidiária ou secundária; finalmente, sugere que a crescente presença da globalização e internacionalização no mundo moderno torna o tradutor mais e mais necessário e a experiência da tradução mais e mais comum. Krobb explica que dado o crescente papel do tradutor no mundo de hoje não surpreende a presença do tradutor como personagem ficcional. Sugere que a literatura contemporânea está interessada nas questões de identidade, em personagens cujas identidades fragmentadas são reflexos de um mundo moderno fragmentado, em que o deslocamento é um fenômeno generalizado. Krobb acredita que os tradutores são

figuras ideais para representar o deslocamento, e o instrumento ideal, através do qual, o próprio texto literário pode traduzir a problemática da complexidade cultural da tradução.

O primeiro exemplo de Krobb analisa o romance *Populärmusik från Vittula* (2000) de Mikael Niemi. Segundo Krobb, neste romance, o autor Niemi desenvolve um personagem-tradutor que assume a sua posição apenas temporariamente e quase por acidente. O narrador-protagonista Niila recorda sua infância e adolescência durante a década de 60, no extremo norte da Suécia, perto da fronteira Finlandesa. Confronta-se com duas línguas: a língua oficial Sueca e o dialeto local Finlandês – Tornedalfinsk. Krobb diz que a falta de uma identidade lingüística está particularmente em destaque na figura de Niila – o narrador. Niila não fala e, quando finalmente fala, a língua que usa não é nem sueco, nem finlandês. Niila cria sua própria linguagem ouvindo Esperanto no rádio. É Niila quem assume o papel de tradutor durante a visita de um sacerdote africano. É importante notar que o seu sucesso não o liberta de sua posição marginal, pois, durante o romance, ele continua a ser um perturbado, uma figura desenraizada, incapaz de estabelecer relações com os outros. Sua invisibilidade é necessária para sua estratégia de sobrevivência.

No segundo exemplo, Krobb analisa o romance *The Translator* (1991) de Just Ward. Argumenta que Ward apresenta um personagem tradutor ficcional que usa suas habilidades lingüísticas. Muda seu nome de Siegfried para Sidney para esconder uma identidade indesejável associada com a Alemanha nazista. Em 1950, assume um emprego como tradutor em Paris, mas nunca se integra plenamente na sociedade francesa. Anos mais tarde, ele se vê “como um alemão que viveu entre os franceses por vinte anos, um soberano, mas invisível, a pátria na frente de seus olhos, mas imaterial” (Ward, 1999: 65). Em função deste entrelugar do personagem, Krobb informa que os tradutores ficcionais são retratados como peregrinos entre as línguas, países e culturas. Eles adotam o papel profissional de mediador, como consequência de sua saída do seu país.

Krobb relata que para além de proporcionar outro exemplo de um personagem tradutor que se torna uma metáfora de um sentimento de não-pertença, o romance de Ward também introduz um motivo adicional que está frequentemente associado a tradutores ficcionais e que Jon Thiem (1995: 213) define como abuso intencional da posição do tradutor para ‘fins pessoais e ideológicos’. O tema da identidade é mais uma vez abordado: van Damm é confundido com seu ex-chefe pelos Volkspolizei (polícia popular alemã) e é morto, acidentalmente. O incidente, um escândalo político em potencial, pode ser varrido para debaixo do tapete, porque nenhum estado iria reivindicar responsabilidade pela vítima. O tradutor pode ser facilmente esquecido, porque a responsabilidade pelo fracasso da própria

transcultural significa que ele não pertence a qualquer um dos países e culturas. Ele está preso no entre-lugar.

O terceiro exemplo de Krobb é Corazón Tan Blanco, de Marías (1995). Segundo Krobb, Marías apresenta um intérprete de conferência que manifesta a sua perplexidade diante da aceitação de que os representantes da sua profissão sejam aparentemente confiáveis. O intérprete-protagonista fica entediado ao traduzir durante uma reunião dos dois chefes de Chefes de Estado e, então, começa inventar perguntas e respostas. Krobb enfatiza que, enquanto a tradução/interpretação do personagem parece revelar uma verdade de implicações políticas significativas, na verdade, ele conspira com seus co-intérpretes, para manter a verdade oculta.

Krobb conclui que os três exemplos mostram como os valores de personagens-tradutores na ficção narrativa comprometem a visão da tradução como um processo de sujeito transculturado e, como um processo de transculturação deseja, portanto, permitir a comunicação intercultural bem sucedida. Em vez de personificar este ideal, que ainda persiste em livros e artigos sobre tradução, a figura do tradutor é usada para explorar temas de deslocamento e perda do sujeito, da construção e manipulação da imagem, em que as preocupações dos escritores contemporâneos se encontram com as abordagens mais críticas para a tradução como processo cultural complexo. Enquanto o hiato entre o ideal e a realidade, como descritos por pesquisadores ou construídos pelos autores literários, pode ter muito a ver com as diferenças na agenda e no discurso, certamente reflete também uma reavaliação da própria tradução como uma experiência central no mundo moderno.

3. A tradução do Texto

Minha tradução do artigo de Krobb, do inglês para o português do Brasil, baseia-se na teoria funcionalista de Christiane Nord. Em especial, se liga a seu artigo *Loyalty Revisited: Bible Translation as a Case in Point*. Segundo Christiane Nord, temos dois tipos de tradução: a tradução documento e a tradução instrumento. Concentro-me na tradução instrumento, pois para a autora “em determinados tipos de interação translatória, espera-se que o tradutor convença os participantes de que estão se comunicando diretamente, baseados em algum tipo de elementos compartilhados” (pp.187). Nord enfatiza que o papel do tradutor é o de mediador que torna a comunicação possível apesar do hiato cultural. A autora enfatiza que, como qualquer outra interação comunicativa, a tradução visa avançar um propósito comunicativo. A abordagem funcionalista de Nord considera a tradução uma interação comunicativa entre indivíduos (cf. Nord 1997 a: pp.15).

Com base na visão de Nord, esclareço ao leitor algumas decisões tomadas para esta tradução. Minha tradução concentra-se nas dificuldades e possibilidades de tradução entre duas culturas. Krobb, por ser de origem alemã e escrever em inglês, utiliza palavras de fácil entendimento para quem não é nativo da língua e que tenha conhecimento da língua inglesa. Krobb mantém sua consideração para com as questões relacionadas ao funcionalismo, às teorias subjetivas, à lealdade e à comunicação entre autor e leitor, embora não deixe esses aspectos explícitos. Também uso os conceitos de Nord para estabelecer minha lealdade a Krobb e a meu público. Mantenho a seqüência da pontuação, dos parágrafos e das citações, seguindo o discurso do texto fonte. Mantenho a lealdade ao texto fonte, pois procuro reproduzir as mesmas características do texto estrangeiro.

Durante a tradução percebi que havia algumas frases longas que poderiam ser adaptadas para o português. Nestas questões, concentrei nas possibilidades que poderia fazer para aproximar a língua de partida da língua de chegada. Então, para aproximá-las recorri também à teoria de Landers (2001). Landers se vale de adaptações. Para ele, adaptações não são estratégias inferiores, mas métodos diferentes de lidar com um problema de tradução. A adaptação ajuda o leitor do texto de chegada a alcançar o mesmo efeito experimentado pelo leitor do texto de partida. De acordo com a teoria de Landers, o tradutor recria a frase sem perder o sentido do texto de partida.

Ao lidar com dificuldades de tradução segui a teoria de Nord (2001) onde a responsabilidade do tradutor se torna visível na maneira de fazer o autor se comunicar de maneira efetiva com seu leitor. Tentei reescrever o texto de partida em discursos e dialetos domésticos (Venutti,1995), ou seja, converti o estranho em familiar, como podemos verificar em alguns exemplos no quadro abaixo:

Texto fonte	Domesticação
Bias	preconceito
Guise	disfarce
Self	sujeito
Smuggled	contrabando

Quanto ao conteúdo, mantive em inglês e espanhol os exemplos citados dos romances - *Populärmusik från Vittula*, *The Translator* e *Corazon tan Blanco*. Neste aspecto, me vali da teoria de Venutti que afirma que tradução estrangeirizante é aquela que resiste à domesticação, à fluência e à transparência. Venutti esclarece que o termo fidelidade abusiva permite ao tradutor ser fiel a aspetos do texto fonte, e participar da realidade de uma mudança cultural na língua alvo. Além dos exemplos dos romances também mantive nomes de personagens, cidades, resistindo

assim à domesticação. Nomes próprios de personagens: Niila, Matti, Siegfried, Sidney

Cidades: Berlin, Paris,

Conclusão

Organizei este artigo em três partes distintas. Na primeira parte analisei uma teoria que pudesse contribuir com a discussão desejada. Analisei os conceitos – subjetiva, funcionalismo e lealdade – da pesquisadora alemã Cristiane Nord (2001). Estes três termos teóricos ajudam o tradutor a estabelecer uma comunicação efetiva entre autor e seus leitores. Na segunda parte, apresentei o artigo de Sabine Strümper-Krobb. Procurei esclarecer que, no artigo, Krobb faz uma análise do protagonista tradutor/intérprete em três romances e explica como os tradutores ficcionais, nos textos narrativos, exploram os temas de marginalização, deslocamento, manipulação e a luta de poder no mundo moderno. Na terceira parte relatei algumas possibilidades e dificuldades que encontrei na tradução do texto de Krobb para o português do Brasil.

Referências

- BASSNETT, S. (1996) The meek or the mighty. Reappraising of the role of the translator. In R. alvarez and C-A. vidal (eds) *Translation, Power, Subversion* (pp.10-24). Clevedon: Multilingual Matters.
- HERMANS, TH. (1996) Normas and the determination of translation: A theoretical framework. In R. alvarez and C-A. vidal (eds) *Translation, Power, Subversion* (pp.25-51). Clevedon: Multilingual Matters.
- KROBB, SABINE STRÜMPER (2003). The Translator in Fiction. Language and Intercultural Communication. Special Issue: Moving between Worlds: The Transcultured Self in the Sphere of Creative Practice, Vol.3, N.2. pp.115-121.
- LANDERS, E. CLIFFORD. Literary Translation A Pratical Guide. Great Britain: Cromwell Press Ltd. 2001.
- MARIAS, J. (1995; Original first published in 1991) *A Heart so White*. Translated from the Spanish by M.J. Costa. London: Harvill Press. *Coração tão branco* (2008). Traduzido pelo brasileiro Eduardo Brandão.
- NIEMI, M. (2000) Populärmusik fran Vittula. Stockholm: Norstedts.
- NORD, C. (2001). Royalty Revisited: Bible Translation as a Case in Point. The Translator. Volume 7, Number 2, (pp.185-202).
- THIEM, J. (1995) The translator as hero in postmodern ficiton. *Translation E Literature* 4 (2), 207-218.

- VENUTI, L. (1995) *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London: Routledge.
- WARD, J. (1999) *The Translator*. Boston, New York: Houghton Mifflin Company.